

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	22. NOV. 1974	COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	



A COOPERAÇÃO DO M. P. L. A. — Elementos do M. P. L. A. que, nos bairros suburbanos de Luanda, estão a colaborar na detenção dos desordeiros e assassinos, conduzem um detido para o automóvel que o levará até às autoridades portuguesas. Esta actuação cooperante daquele movimento, foi analisada, ontem, durante uma conferência de Imprensa, pelo dirigente Lucio Lena, que também anunciou que o M. P. L. A. está disposto a participar num governo de coligação para Angola. (Foto A. E. J.)

(NOTÍCIA NA PÁG. 11)

Fundação Cuidar o Futuro

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	22. NOV. 1974	COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	



Um grupo de meliantes apresentado ao público na sede do M. P. L. A. em Luanda. Actuavam abusivamente, em nome daquele movimento, agitando a sua bandeira, nos musseques da capital angolana (Foto A. E. I.)

O M. P. L. A. DECLARA-SE DISPOSTO A PARTICIPAR NO GOVERNO DE ANGOLA

* LÚCIO LARA ELOGIA SAVIMBI

LUANDA, 21. — O M. P. L. A. está pronto a participar em governos deste ou daquele teor, depois, evidentemente, da troca de impressões com os movimentos de libertação irmãos, para que possamos encontrar em conjunto as diferentes fórmulas que se impõem para a continuidade política, económica e social de Angola», declarou, ontem, aos jornalistas, Lúcio Lara, chefe da delegação do M. P. L. A. em Luanda, e figura de relevo daquele movimento.

«Pensamos ter o dever de exigir — prosseguiu — que a transferência de poderes, que se anuncia próxima, possa fazer-se sem sobresaltos. E a verdade é que o momento conturbado em que vivemos anuncia a cada passo hipóteses de violência que nós não rejeamos, mas que condenamos vigorosamente. Nós pensamos que o nosso povo, e quando digo povo refiro-me a todos os que vivem neste país, todos nós temos o direito de começar a trabalhar para uma Angola independente.»

Lúcio Lara garantiu, ainda, que o seu movimento «está disposto a não riscar um fósforo para não fazer a chama que possa atear fogo ao barril de pólvora que parece existir, neste momento, em Angola, mas que, evidentemente, o M. P. L. A. terá de continuar a assumir as mesmas responsabilidades perante o seu povo que assumiu sem desfalecimentos durante quase catorze anos de lutas.

Elogio da posição pacífica da U. N. I. T. A.

O dirigente do M. P. L. A. analisou, em seguida, uma recente mensagem de Jonas Savimbi ao povo de Angola, dizendo:

«Cabe aqui afirmar que o M. P. L. A. acolheu com bastante simpatia as palavras pacíficas de um irmão que também estere nas matas. Eu refiro-me ao presidente da U. N. I. T. A., Jonas Savimbi, porque de toda a sua mensagem podemos constatar um desejo que nos parece sincero, de contribuir para a paz, para solução pacífica de todos os problemas nacionais. Nós queremos, também, que a presença em território angolano das delegações legais dos três movimentos de libertação é já um prenúncio de uma possibilidade de, na nossa terra, no seio do nosso povo, vivendo os nossos problemas, poderemos em conjunto reflectir sobre as melhores soluções a dar ao problema de Angola.»

Estas declarações do M. P. L. A. sobre a U. N. I. T. A. foram acolhidas com regozijo nos meios políticos de Luanda, porquanto podem significar o princípio do fim dos desentendimentos entre, pelo menos, dois dos movimentos emancipacionistas.

Exortação ao trabalho

Lúcio Lara manifestou a sua preocupação pela situação económica no país, que importa «de uma maneira muito directa, aos interesses, às aspirações de vida de todo o nosso povo».

«Não há dúvida — adiantou — que nos momentos conturbados que temos atravessado, se têm criado más condições para que a transferência de poderes se faça sem que o povo angolano e os seus representantes legítimos herdem o caos. De marcar bem a nossa posição sobre o problema das greves. Não apoiará o M. P. L. A. uma greve que não seja devidamente assente e discutida pelos sindicatos respectivos e tendo em conta, evidentemente, as capacidades económicas do nosso país. Do mesmo modo, nós temos na prática no curto espaço de tempo de que aqui dispomos, intervindo para que em muitos casos esses problemas de conflitos do trabalho se resolvam com interesse de trabalhadores e com interesse da economia de Angola.»

E prosseguiu: «Não temos mesmo dúvidas em exortar o nosso povo a continuar o trabalho. É no trabalho que reside a riqueza do país, e se é certo que, ainda hoje, o produto desse trabalho não beneficia directamente as massas populares, os trabalhadores, não é menos certo de que nós, os herdeiros desta Angola, temos necessidade de não nos defrontarmos, desde o início, com problemas económicos insolvíveis. Nesse aspecto, não queremos deixar de dizer que faremos também o possível por estudar qual poderá ser a nossa contribuição para melhorar a situação em que se encontra hoje a zona do café, porque consideramos que, sendo o café realmente uma primeira riqueza de Angola em divisas, ficaríamos em dificuldade se, também nesse aspecto, nos encontrássemos perante um marasmo. Evidentemente, os problemas que ali se põem são de ordem diversa, e mais

uma vez cabe aos organismos que melhor defendem os interesses dos trabalhadores, o estudo, juntamente com eles, da solução adequada desse problema, no interesse do povo e da Nação.»

A prisão de agitadores

No final, Lúcio Lara teve breves considerações sobre o problema da

dos firmados com o Governo Português, o M. P. L. A. não pode actuar militarmente fora das zonas libertadas, apenas nos centros urbanos podemos e estamos a colaborar através de milícias populares, que, desarmadas, exercem forte vigilância sobre as quadrilhas que actuam nos subúrbios, concluiu, e terminou, Lúcio Lara.

DO NOSSO CORRESPONDENTE ARTUR QUEIRÓS

Menos incidentes em Luanda

- As milícias fazem mais prisões
- Mais calma em Luanda

Entretanto, a situação na capital de Angola continua a melhorar. Nos musseques, os incidentes estão reduzidos a um mínimo. Nas últimas 24 horas, milícias populares, em colaboração com as Forças Armadas, capturaram mais 15 meliantes, na sua maioria por tentativas de roubo e alguns por agressões. Na sede do M. P. L. A., em pleno mussequê Rangel, encontram-se à disposição dos seus donos muitas bicicletas utilizadas, motos, uma viatura tipo «jeep», rádios e até quantias em dinheiro, tudo apreendido às quadrilhas que

Camionistas projectam nova paralisação?

Após o desmantelamento do que já se considera cem por cento do «complot» reaccionário, as Associações Económicas publicaram, na Imprensa de Angola, vários comunicados, os quais atacam a Junta Governativa de Angola e exigem o regresso dos reaccionários presos em Caxias, dr. Fernando Vieira, Corte Real e Renato Cunha. Entretanto, os delegados dos camionistas prosseguiram com os seus ataques ao Governo e Junta Governativa, através de um comunicado no qual declaram não ter havido interferência de Fernandes Vieira, na paralisação de trabalho que efectuaram.

Como se sabe, os camionistas aceleraram a retomar as suas actividades até ao dia 30 deste mês, a fim de dar tempo ao Governo para cumprir todas as suas reivindicações. Curiosamente, no primeiro ponto apresentado, o que posteriormente foi retirado, exigiu-se a substituição do presidente da Junta Governativa, almirante Rosa Coutinho.

No entanto, correm rumores em Luanda, segundo os quais, devido à prisão dos três elementos que são acusados de sabotagem económica, os camionistas preparam nova paralisação, antes do dia 30, para exigir a libertação dos detidos, bem como o regresso a Angola dos incriminados na intenção que estava para eclodir em Angola, em conjugação com o 28 de Setembro.